



Balthazar o Mago

© 2025 – Conhecimento Editorial Ltda

BALTHAZAR O MAGO

A. VAN DER NAILEN

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Sueli Araújo
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-191-9

1ª Edição

Produzido no departamento gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Impresso na



Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150
Fone: 19 99956-0006 – Limeira – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Van der Nailen, Albert, 1830-1928

Balthazar o Mago/ A. Van der Nailen — Limeira, SP :
Editora do Conhecimento, 2025.

230 p. : il.

ISBN 978-65-5727-191-9

Título original: Balthazar the Magus

1. Ficção ocultista 2. Ficção belga I. Título

25-3356

CDD – 849.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção ocultista

A. Van der Naillen

Balthazar o Mago

1ª Edição – 2025



Obras de A. Van der Naillen:

Nos Templos do Himalaia – (2003)

No Santuário – (2022)

Balthazar o Mago – (2025)

BALTHAZAR THE MAGUS

By A. VAN DER NAILLEN
Chevalier of the Order of Léopold of Belgium

*Author of "On the Heights of Himalay"
and "In the Sanctuary"*



R. F. FENNO & COMPANY
9 AND 11 EAST SIXTEENTH STREET, NEW YORK

1904



1

Marius, como consta em *No Santuário*^[1], fora julgado o mais digno de todos os americanos, para ser elevado ao grau mais alto que a Ordem dos Magos podia conferir. Consagrado mago sob o nome de Balthazar, fora-lhe confiada a missão de instituir santuários e de estabelecer lugares de retiro e mosteiros para o preparo de noviços e de neófitos que se destinavam ao sacerdócio da Ordem. Essa missão, quase divina, dispôs-se ele a cumprir com zelo. Daí em diante, tanto o continente americano como o europeu constituíram o seu campo de ação, e essas duas partes do mundo possuíam igual direito à sua afetuosa solicitude.

Por mais de um ano, Marius viajou do Oriente para o Ocidente, do norte para o sul, consagrando os novos poderes de que se achava investido à procura de estatutos espirituais, de ritos religiosos em uso nas diversas regiões dos dois mundos. Transportou-se, em pessoa, para todos os lugares para onde, por suas influências perniciosas, as vibrações discordantes o impediam de projetar os eflúvios tão sensíveis de sua consciência superior. O resultado dessas pesquisas era-lhe, ao mesmo tempo, alarmante e consolador. Alarmante, quando observava a sombria e densa atmosfera ódica^[2] que, como uma mortalha, envolvia cada uma das grandes cidades e lhe revelava um profundo abatimento moral, causado, principalmente, pela falta de sinceridade e de benevolência, pelo ódio entre o pobre e o rico, pela corrupção na esfera da política, por uma grosseira sensualidade que reinava nas classes baixas e pelos vícios

[1] NAILLEN, A. Van der. *No santuário*. Limeira: EDITORA DO CONHECIMENTO, 2022.

[2] Ver *Os eflúvios ódicos*, do barão de Reichenbach, publicado pela EDITORA DO CONHECIMENTO em 2018.

mais requintados, porém não menos degradantes das classes abastadas. Com profundo pesar, via ele, enfim, o egoísmo e o orgulho, flagelos da humanidade, dominando por toda a parte como senhores absolutos e perpetuando a miséria social. Tudo isso era devido à ausência completa de crença ou de fé e, por conseguinte, à falta total de ideal elevado. Por outro lado, ele distinguia, com prazer, um grande número de irradiações luminosas, que, como filões de ouro, rasgavam aquela sombria atmosfera e, depois, se reuniam em feixes vaporosos e brilhantíssimos, como nuvens douradas pelo Sol. Aquelas regiões luminosas constituíam os reservatórios do ideal, dos pensamentos mais nobres e elevados dos habitantes da Terra. Ele notou, ao mesmo tempo, da banda da América, uma nuvem física que emitia irradiações douradas que se dirigiam vagarosamente do Oriente para o Ocidente, e, do lado da Europa, outra irradiação luminosa, ainda atenuada, mas já intensa, por cima das grandes cidades.

Via o mago que tais ondas luminosas impressionavam e chamavam para a ação aqueles cérebros cujas células já se achavam bastante sensitivas, de maneira que podiam ser influenciadas por forças ódicas. O estudo das energias latentes no homem, o desenvolvimento delas em vista de se obterem manifestações exteriores que se traduzem por admiráveis fenômenos ocultos, tal era o domínio para onde essas ondas luminosas eram levadas a exercer a sua ação entre a maioria dos estudiosos ou investigadores das ciências físicas. Outros pensadores tinham chegado, verificava ele claramente, à percepção das forças superiores da natureza, dos segredos do universo, mercê do desenvolvimento de suas faculdades espirituais adquiridas à custa de adequadas meditações, favorecidas por condições harmônicas. Esquecidos da própria personalidade, estavam a caminho de tentar esforços sérios no sentido de atingirem a fonte de toda a força. Achavam-se animados da mais viva esperança de chegar gradualmente à compreensão das coisas divinas, por meio de estudos assíduos, de uma vida santa e do refreio constante das paixões e das exigências dos sentidos terrestres. Nutriam o ardente desejo de constituir, desse modo, uma síntese universal, na qual os elementos

descobertos pela ciência física moderna, hoje em tão flagrante contradição com um grande número de ensinamentos religiosos, em realidade acabariam por não constituir, com esses últimos, senão partes transitoriamente separadas de uma unidade harmoniosa.

Outros cérebros, ainda pouco evoluídos, não se ocupavam exclusivamente senão das manifestações de um espiritismo inferior, tendo por objeto favores pessoais e materiais. Acerca desses últimos, Balthazar não tomou senão notas superficiais, porque bem sabia ele que, cedo ou tarde, a certeza de outra vida os incitaria a galgarem o ápice da escada espiritual, e, então, as suas almas voariam para as esferas mais elevadas.

No decorrer de suas numerosas viagens, Marius, tornando hoje o Mago Balthazar, tinha encontrado almas já bastante evoluídas. As altas funções que ele desempenhava em meio dos ocultistas fizeram-no conhecido pouco a pouco; todos se ocupavam dele com veneração; diariamente recebia um sem-número de cartas, a maior parte das quais vinham-lhe pedindo o auxílio de suas luzes para entrar no verdadeiro caminho; outros correspondentes rogavam que lhes indicasse um meio de chegarem à paz da alma, que nunca puderam adquirir por meio de estudos puramente positivistas. Alguns, enfim, desejavam receber os seus ensinamentos de sua própria boca, dispostos a passarem por todos os sacrifícios para obterem esse favor. Com grande pesar, via-se Balthazar na impossibilidade de responder a esses numerosos pedidos. Bem depressa reconheceu ele, entretanto, que lhe cumpria ir ao encontro de tantas almas que, sequiosas, solicitavam a ele assistência espiritual.

Para tanto, em uma grande cidade, não longe do mar, ele adquiriu um vasto edifício situado no meio de um parque espaçoso e cercado de altos muros. Naquele parque, ele providenciou a construção de diversas vilas e, no meio delas, um santuário de acesso fácil aos habitantes dessas vilas.

Aquele santuário comunicava-se diretamente, por meio de uma galeria, com os aposentos ocupados por Balthazar. O interior dele era ornado dos emblemas da Ordem dos Magos. Sobre o altar, edificara-se um tabernáculo, onde se depositaram os vasos sagrados, dos quais, desde o mesmo dia de sua

consagração de mago, Balthazar se tornara depositário. Em cima daquele tabernáculo, erigira-se uma estátua, de tamanho natural, da Virgem do Mundo, a Divina Sofia. O rosto dela era iluminado pelo seu olhar impregnado daquela suavidade inalterável, daquele amor infinito que jamais cessou de encher a humanidade e que tão bem revela a sua origem divina. Os seus braços estendidos eram um convite perpétuo aos homens para que viessem a ela, a fim de por ela serem envolvidos nas irradiações que facultam o conhecimento das coisas divinas, do espírito supremo — irradiações de que é ela a dispensadora mais próxima da humanidade.

A Ordem dos Magos considera que o Sol Espiritual do universo é polarizado tanto quanto o átomo mais ínfimo da matéria. Parabrahma^[3], o Infinito, o Eterno, constitui o polo positivo do Sol Espiritual. É ele a onipotência, a onisciência, a sabedoria e a justiça absoluta. É representado pelo Olho que tudo vê, enquadrado em um triângulo equilátero. Ele discerne tudo, compreende tudo; em sua eterna justiça, tudo para ele é de igual importância.

O polo negativo do Sol Espiritual representa o lado das emoções, as afeições, as atrações, as simpatias, os amores puros, a união e a harmonia, coroado tudo isso pela sabedoria divina. O emblema do polo negativo do Sol Espiritual é uma mulher, a quem, de ordens vindas das alturas, deu-se o nome de Sofia; apelidaram-na também de Virgem do Mundo, de Esposa do Eterno. A mulher é depositária das afeições mais ternas, das emoções mais sublimes do coração. Aos pés daquela Virgem do Mundo, daquela personificação dos sentimentos e dos amores mais puros, vem prosternar-se o noviço. Dirige-se a ela como a uma mãe. Sabe que, diante dela, pode exibir todas as fraquezas de seu coração, e que à Dispensadora é permitido patentear todos os seus desfalecimentos e agonias. Está convicto de que a narração dos padecimentos, as suas súplicas, hão de ser tomadas em terna consideração, de que o há de julgar um coração de mãe e de que não deixarão de lhe ser prodigalizados consolações e estímulos. Sendo divina, é Sofia

[3] Parabrahma é um conceito central no hinduísmo, que se refere ao Absoluto Supremo, a realidade última e incognoscível que está além de toda descrição e conceituação.

a Dispensadora das primeiras irradiações da espiritualidade e da luz que ilumina as almas. Naquela irradiação, ela envolve os que a ela recorrem, e é a assistência da Virgem do Mundo que os noviços da Ordem dos Magos não cessam de invocar, porque bem sabem eles que a boa mãe atende a todas as súplicas sinceras.

Em certa manhã, achava-se Balthazar assentado no alpendre de sua nova residência, quando o seu criado de confiança lhe veio anunciar que, para fazer-lhe comunicações importantes, um visitante o estava esperando no salão. Foi imediatamente ao seu encontro, e achou-se frente a frente com um estrangeiro, cuja aura lhe produziu a mais agradável impressão, reconhecendo desde logo um caráter positivo, uma alma bela e nobre, mas perturbada por angústias que lhe pareciam provenientes de um pesar secreto. Essa impressão psíquica, como todas as que ele sentia quando encontrava pela primeira vez um desconhecido, nunca o enganava. Observou, em seguida, a aparência exterior do visitante. Era um homem de 35 anos, de estatura alta, de fronte larga, que deixava adivinhar os seus hábitos de meditação. O aspecto era nobre e próprio para mandar, não obstante exprimirem os seus belos olhos a maior meiguice. Os cabelos eram negros como o ébano, e o nariz aquilino denotava grande força de caráter. Em suma, a expressão de sua fisionomia era, ao mesmo tempo, suave e firme, revelando a posse de si próprio, ao mesmo passo que uns toques de resignação e até de tristeza. Balthazar julgou que o rosto daquele estrangeiro, sob a influência da contemplação das coisas divinas, podia iluminar-se até o ponto de tomar uma expressão de suavidade angélica.

Não era, seguramente, um visitante ordinário. A sua rara distinção, a dignidade de seu porte e a inteligência que lhe brilhava nos olhos sobejamente o atestavam.

Por outro lado, a impressão que o mago produziu no estrangeiro foi igualmente profunda. Quando Balthazar apareceu na porta do salão, vinha precedido de uma irradiação áurica poderosíssima, que testemunhava os atributos de uma espiritualidade elevada. Aquela irradiação foi agindo gradualmente no visitante e acabou por inspirar a mais profunda ad-

miração ao mago. Convenceu-se de que a personagem que exercia sobre ele uma ação tão intensa era realmente um ser superior aos outros homens e dotado de poderes divinos acima da concepção do comum dos mortais. Daí, concluiu o estrangeiro, imediatamente, que os segredos e sentimentos da natureza mais delicada podiam ser confiados a um homem como aquele, na certeza de que seriam bem compreendidos e apreciados. Sentiu que acharia nele um acolhimento simpático, um guia esclarecido e o melhor dos conselheiros acerca das questões de grande importância moral e espiritual que pareciam agitar-lo naquele mesmo momento.

As impressões felizes de que aqueles dois homens experimentaram um para com o outro deram em resultado o inspirarem-se uma mútua e inteira confiança, mesclada de viva simpatia. O visitante inclinou-se profundamente diante do mago; mas esse sinal de respeito não excluía aquela distinção aristocrática que é o apanágio ordinário dos que são oriundos de uma raça nobre. O mago estendeu-lhe a mão, significante de afetuosas boas-vindas.

Indo direto ao assunto, o visitante fez-lhe logo conhecer os motivos de sua presença ali.

— Senhor Marius — começou ele —, permita-me que o chame assim, porque é com esse nome que a sociedade o conhece. Eu soube que está investido das altas funções de mago. Reconheço toda a importância desse fato e avalio a enorme soma de saber que lhe é inerente. Por isso, eu me determinei a vir conversar com o senhor e lhe pedir conselhos. Quer me esclarecer no que concerne às minhas aspirações espirituais? Quer me prestar a assistência de suas luzes para dissipar a minha incerteza e as angústias que sinto?

Enquanto assim falava, ia o mago impressionando-se pela suavidade inteiramente particular de sua voz, cujas entonações musicais se harmonizavam com a expressão igualmente muito meiga de seus olhos. As suas belas mãos, com dedos finos e alongados, os seus gestos sóbrios e cheios de dignidade, o sorriso gracioso em uma boca guarnecida por belíssimos dentes, de uma brancura brilhante, enfim, a viva simpatia que se evolava de todo o seu ser produzia uma impressão profunda

no espírito do mago, que se sentia secretamente atraído para o visitante.

— A julgar pelo corte de suas vestes — observou Balthazar —, deve exercer funções sacerdotais, ser votado ao serviço do Senhor. Tal mister não proporciona inteira satisfação às aspirações de sua alma. Fala, meu filho. Veio a mim com toda a sinceridade, eu o sei; se estiver no meu poder restituir-lhe a paz da alma e a convicção, estou à sua disposição.

— Não o enganou o seu pressentimento, venerável mestre. Sim, minha vida foi consagrada ao serviço de Deus. Meus pais professavam aferrados princípios religiosos e é deles, sem dúvida, que herdei as aspirações místicas que são as características de minha existência. Desde a minha infância, era eu dado à prece. Erigiram um pequeno altar no meu quartinho, sob os cuidados de minha mãe; diante daquele altar, eu me ajoelhava cada noite antes de me deitar e a cada manhã ao acordar. Assim, o meu último pensamento, à noite, e o meu primeiro pensamento, de manhã, eram para Deus. Minha mãe tinha por costume dizer que os mais felizes momentos de sua vida eram aqueles em que ela podia contemplar-me, quando, de joelhos, diante do meu altorzinho, as mãos postas, eu orava com os olhos voltados para o Crucificado e refletindo uma luz santa, como a de um raio que tivesse descido do céu. “É então”, dizia minha mãe, “que eu mesma oro com mais fervor”. E, continuamente, elevando as suas invocações ardentemente para o céu, nelas pedia que seu filho ali ajoelhado diante dela, com o olhar iluminado por um raio divino, pudesse consagrar-se à religião e permanecesse um servo fiel e dedicado ao Senhor. Foi assim que se passou a minha infância, rodeada das mais nobres influências.

— Mais tarde, durante os meus longos anos de estudo, era eu dominado pelo desejo de praticar o bem, de amar a humanidade inteira, seguindo, assim, o exemplo do divino Mestre. Na idade de 23 anos, ordenaram-me padre da Igreja Católica Romana. Durante as cerimônias de minha ordenação, parecia-me que o céu se abria diante de mim e que me envolvia uma luz que vinha das alturas.

— Vivi feliz por alguns anos. Depois, fui-me convencendo

de que, para ser bom padre, estava me faltando o fervor, e tive receio de, por minha vez, cair um dia na indiferença religiosa que eu notava em muitos de meus confrades, indiferença essa que gera, fatalmente, a repetição quotidiana dos mesmos atos invariáveis, que, pelo tempo adiante, já não têm interesse e se tornam um simples trabalho de rotina, do qual são excluídas as mais nobres aspirações da alma.

— Quando reconheci, enfim, que aqueles padres eram, em sua maior parte, desabusados epicuristas, excelentes garfos quase sempre e amigos de bom vinho, senti-me realmente alarmado. Desejando poupar à minha alma esses escolhos e humilhações, e bem resolvido, além disso, a dar plena e inteira satisfação às minhas aspirações espirituais, em vista de apressar a sua evolução no sentido do princípio divino, decidi-me a fazer um pedido de admissão em uma ordem religiosa. Sabia eu que aquela ordem exige de seus membros estudos assíduos e muito profundos, mediante os quais eu contava adquirir conhecimentos tão variados e de tal importância que me permitiriam aproximar constantemente e cada vez mais de um deus. Intuitivamente, eu estava ciente de que existem mundos supraterestrres muito superiores aos indicados por nossos teólogos, e a mim mesmo confesso que os alimentos debilitantes com que a alma de um padre tem de nutrir-se diariamente não podem conduzi-la a um grau bastante elevado para chegar àqueles mundos celestes.

— Não me atemorizavam as regras estritas e, às vezes, rígidas, que a disciplina da ordem religiosa em que eu acabava de ser admitido me obrigava a observar. Com a mais inteira boa vontade, eu me submetia a deveres não raro bem humilhantes.

— As ciências naturais, que eu já cultivara com cuidado, tinham sempre para mim um particular atrativo. Consagrei-lhes, daí em diante, todo o tempo livre que os meus estudos teológicos me permitiam.

— No dia em que me reconheceram suficientemente instruído, enviaram-me como professor de ciências naturais e de astronomia para um colégio considerado um dos primeiros do mundo, em razão do ensino superior que nele era ministrado.

— No decorrer de diversos anos, considerei-me bastante feliz em minhas novas funções, porque eu tinha à minha disposição uma biblioteca importantíssima, onde eu passava todos os momentos que não eram consagrados aos meus deveres. As minhas pesquisas me permitiram verificar, com grande satisfação para mim, que, independentemente dos livros de ciências e de teologia pura, aquela biblioteca continha cópias autênticas de relatórios elaborados pelos membros da ordem acerca de todas as regiões do mundo para onde tinham sido enviados como missionários. Aqueles relatórios eram de imenso valor, porque assentavam, por assim dizer, as primeiras bases da civilização da raça humana. Entretanto, o meu interesse voltava-se, principalmente, para as numerosas obras dispostas em um corpo isolado da biblioteca, que tratavam de vastas questões mais elevadas.

— Nas primeiras prateleiras, eu me deparava com obras impregnadas de um caráter profundamente católico, umas desculpando, outras julgando até necessárias as terríveis execuções da Inquisição espanhola no tempo de Torquemada. Mediante argumentos apresentados com raro talento, os autores pretendiam justificar o estabelecimento dos tribunais inquisitoriais.

— Qual não foi a minha surpresa ao encontrar, em outras prateleiras, todas as obras de valor do século, nas quais estão expostos os princípios do positivismo mais exclusivo e os sistemas filosóficos de todas as escolas, desde o materialismo, o neantismo, o racionalismo, o naturalismo, até os tratados mais violentos do ateísmo? Manifestei ao padre bibliotecário a minha admiração causada pela presença de semelhantes livros no seio de uma ordem de religiosos. Replicou-me ele, com muita razão, que, pretendendo a nossa ordem que os seus membros possuíssem a maior soma de inteligência do mundo inteiro, era indispensável que eles estivessem a par de tudo quanto nele fosse publicado, tratando de todos os assuntos e, principalmente, acerca de toda a nova tese filosófica ou religiosa.

— Não é — observava ele judiciosamente —, senão tomando conhecimento de todos os argumentos invocados contra a religião católica, que eles podem armar-se para defendê-

-la. — Também havia lá obras de um misticismo verdadeiramente celeste, contendo arroubamentos que me exaltavam e punham todo o meu ser em um estado de vibração que até então eu nunca conhecera. Durante o meu sono, eu sonhava com regiões suprassensíveis, nas quais os pensamentos mais sublimes achavam o seu habitat. Naquelas regiões, tudo é harmonia, alegria e felicidade; as aspirações mais espirituais podiam expandir-se nelas; a alma podia desferir o seu voo para o infinito e era incitada a elevar-se sempre mais alto, para regiões celestes superiores. Era em meio das obras daqueles padres dos primeiros séculos que eu passava as minhas horas mais felizes. Aqueles espíritos eram realmente apostólicos; viviam em Deus e, para eles, a Terra parecia não existir. Contemplar o ser supremo em sua glória, viver dele, para ele e nele era o único objeto de sua existência, de suas aspirações incessantes. E que graças não os alcançavam! Que iluminações! Que visões celestes! Ah! A minha felicidade não devia ser de longa duração.

— O superior de nossa ordem julgara, sem dúvida, que eu oferecia sérias promessas para o futuro, porque ele aproveitava todas as ocasiões para conversar comigo. Até me vinha ver frequentemente em minha cela e, nas deferências que não cessava de me dispensar, parecia-me dedicar um matiz de afeito ou, pelo menos, de simpatia, o que me causava admiração, tanto mais quanto em nossa ordem toda e qualquer emoção devia ser reprimida e até vencida, porque está dito: “A emoção é um sinal de fraqueza”. Durante aquela palestra íntima, ele fazia-me pressentir que o meu futuro na ordem seria muito grande, que eu galgaria nela as mais altas funções, se eu continuasse a manter, como vinha mantendo, a dignidade da augusta confraria.

— Às vezes, ele me falava largamente da considerável influência moral de nossa ordem, da importância dela no mundo. Esclareceu-me, um dia, de sua imensa ação como associação política acerca dos destinos dos povos católicos, a qual disporia, por assim dizer, a seu bel-prazer, das coroas dos soberanos e até, algumas vezes, da tiara dos papas. “Sim” — confiou-me ele em voz baixa, em um momento de expansão e quando julgava haver despertado o meu entusiasmo —, “os papas, os pró-

prios papas devem curvar-se diante dos decretos e da vontade da nossa ordem! Para permanecer na posse desse enorme poder, um conselho composto dos nossos membros mais dignos e eruditos estabeleceu regras absolutas que devem ser obedecidas em todas as circunstâncias. Essa obediência passiva e de boa vontade, deve o irmão observá-la constantemente, e cada vez mais escrupulosamente, à medida que lhe for crescendo a fé e que for ascendendo em dignidade”. — Acrescentou, ainda, que apreciava bastante a nobreza de meus sentimentos e, por isso, estava certo de que eu permaneceria fiel a todas as minhas promessas.

— Os dias sucediam aos dias, e o superior não cessava de insistir comigo a respeito do penhor que a ordem exige de seus aderentes. Adquiri, pouco a pouco, e com tristeza crescente, a convicção de que o objeto principal da ordem era o domínio da política; que a religião, aquela religião que me era tão cara, a cuja propagação votara eu toda a minha vida, não era o alvo primordial de nossa confraria. Verdade é que, a meus olhos, parecia claramente que a influência política não era tão avidamente procurada senão porque ela servia para manter as massas no caminho de Deus. Todavia, muitos dos meios preconizados para preencher essa missão, em si mesma tão bela, não podiam ser aprovados pela minha consciência, e a tristeza de minha alma aumentava dia a dia, na razão direta dos segredos cada vez mais graves que o meu superior me confiava.

— Eu não negligenciava, entretanto, os meus estudos científicos diários. A astronomia, principalmente, cativava-me, porque ela me revelava o infinito do universo, a harmonia das leis que regem os movimentos dos astros, o seu nascimento, a sua vida e a sua morte, e, enfim, a sublime lei da evolução, que é, para o homem, a promessa tão cheia de esperança de seu alto destino. Porém, esse destino ele deve merecê-lo por uma vida consoante com os mandamentos da natureza e do Senhor. Cumpre-lhe achar a verdadeira vereda que o conduz a Deus, a fim de tornar-se uno com ele, voltando, assim, para o seio do Eterno, de onde desceu e de onde tomou a sua origem. A leitura de numerosos livros, nos quais se procurava demonstrar que a lei da evolução é uma quimera, não me abalava em nada

a convicção profunda de que essa lei é indiscutível e constitui a maior descoberta que Deus permitiu que o homem fizesse. E, aliás, os filósofos que a proclamam eram, todos os dias, o alvo das imprecações da ordem, que julgava essa lei contrária ao dogma da criação, porque, dizia-se, minava a religião pela base.

— A datar daquela hora, começou o meu suplício moral. Ah! Eu era forçado a admitir que a ordem tinha razão, quando ela verificava que a teoria da evolução contradiz o dogma da criação especial e, ao mesmo tempo, eu não podia impedir a mim mesmo de reconhecer que essa lei é a mais bela obra do céu.

— Assim, achando-se as descobertas da ciência em conflito a cada instante com as revelações da fé, a minha posição acabava por tornar-se intolerável. Permanecer eu fiel aos votos que, de livre vontade, fizera ao entrar para a confraria, votos terríveis que nenhum mortal se atreveria a violar, desde que conhecesse a importância e as consequências de semelhante ato? Esses votos, cumpria-me convir, tendiam todos para o bem e para o crescimento da influência da ordem como organização política, ainda que esse objetivo se achasse habilmente velado por palavras de sentido vago. Por outro lado, eu me achava, face a face, com a minha consciência, que me aconselhava a escutar as sugestões de minha alma e procurar diretamente o meu Deus, a estudá-lo, com o auxílio de meu telescópio, em todas as manifestações de seu universo, povoado daquelas manifestações infinitamente grandes, que se movem nas profundezas dos espaços; a ir com o meu caro microscópio à descoberta dos mistérios da vida no infinitamente pequeno, na célula, naquele mundo invisível e, aliás, tão cheio de interessantes e importantes elementos que encerram em si o segredo da origem da vida, e forma, em sua multiplicação e desenvolvimento, o homem em seus órgãos mais complicados.

— Graças às minhas investigações, parece-me que observei as forças harmônicas que dirigem os mundos e os átomos, forças que convergem para uma síntese geral infinita, cujo objetivo não pode ser outro senão Deus, o próprio ser supremo, supremo poder que os dirige para realizar a sua obra sublime.

Nesse ponto, o padre cessou de falar. As angústias que lhe torturavam a alma se traduziam vivamente em seu nobre semblante. Os seus olhos estavam rasos de lágrimas, tremiam-lhe os lábios, a sua respiração, ofegante, revelava as terríveis emoções que o agitavam.

A narração de seu visitante ouviu-a Marius com interesse intenso. O que ele lhe havia dito, sabia-o ele, era a pura verdade. Mas o que o mago via também e o que o visitante não havia confessado eram os tormentos terríveis que haviam dilacerado aquela alma durante um tempo tão longo e que o levaram muitas vezes ao desespero.

— E agora, venerável mestre — concluiu o visitante —, quer me ajudar com os seus conselhos, com a sua experiência, guiar-me na senda da verdade, a fim de que eu possa recobrar um pouco aquela paz de alma de que tanto necessito?

O visitante esperava a resposta de Marius com um sentimento de ansiedade que se refletia de maneira tão intensa, em todos os seus traços, que este se sentiu impressionado. Um brando sorriso iluminou o rosto do mago, que disse:

— Compreendo perfeitamente o seu estado d'alma, meu irmão, e me simpatizo profundamente com você. Ah! Não é o único que sobe o seu calvário — acrescentou ele com um suspiro, pensando talvez em suas provações pessoais. — Além disso, a subida ao calvário não é uma ascensão? Todas as almas sinceras e inteligentes, que foram educadas na crença de um culto dogmático qualquer, e que procuram, com um zelo ardente, a senda da Luz e da Verdade que as conduzirá mais segura e diretamente até Deus, essas almas, dizemos, acham o caminho cada vez mais espinhoso. O humilde discípulo da Verdade anda sempre exposto ao antagonismo, ao sarcasmo mesmo daqueles de cujas crenças ele compartilha, e que preferem ficar no primeiro degrau da escada espiritual, contentando-se com os ensinamentos ministrados por homens que, as mais das vezes, não sabem compreender o sacerdócio senão pelos dogmas em que são obrigados a crer e não se aventuram a levar ou não possuem a inteligência de conduzir os seus pensamentos um pouco mais altos, a uma região espiritual mais elevada. E, então, o verdadeiro discípulo, isolado e com o coração

entristecido, começa a subir o seu calvário, mas com coragem, porque ele sente que, no âmago de seus padecimentos, existe uma fonte de forças misteriosas e incógnitas que o sustentam e o impelem para a frente.

— Para limitar-me à sua triste experiência pessoal, direi que o perigo de todas as religiões está em um desenvolvimento demasiado rápido. Quando uma crença nova se estabelece no mundo, certo é que os seus iniciadores são, pelas suas luzes, sempre dignos de ser guias espirituais. Os seus motivos são puros, as aspirações religiosas sinceras, forte e verdadeira é a sua fé. As almas que andam em busca de luz espiritual estão predispostas a sofrer essa espécie de sugestão hipnótica, involuntariamente exercida pelos propagandistas dos novos cultos, porque a potência da sugestão acompanha sempre a manifestação de uma profunda convicção religiosa. O número dos crentes aumenta na razão da força dessa sugestão; a nova ideia espalha-se; logo os numerosos conversos se acham disseminados por uma extensão do país cada vez mais vasta e a necessidade de uma organização se faz sentir.

— Essa organização é estabelecida por graus; o seu fim essencial é entreter o sentimento de solidariedade entre os crentes e dar-lhes, quando forem necessários, auxílio e proteção, tanto material como espiritual. Então, elegem-se os chefes, instituem-se regras que cumpre observarem em vista de formar uma sociedade forte e homogênea. Para esse efeito, enviam-se instruções formais a todos os chefes hierárquicos. São elas verdadeiras leis, que formam a base de toda a organização. Pouco a pouco, vão adquirindo propriedades, porque importa haver lugares para reuniões e orações. Graças aos donativos que de todas as partes afluem, cresce o número de tais propriedades; elas assumem, em curto espaço de tempo, importância considerável. Para defendê-las, torna-se necessário criar influência sobre os legisladores e, por conseguinte, ocupar-se um pouco de política. É precisamente daí que emana o perigo, porque a ideia puramente religiosa vai-se enfraquecendo nos chefes dessas organizações à proporção dos esforços que eles põem em campo para alcançar as prerrogativas civis.

— Quando os chefes se tomam poderosíssimos e são ina-